

NATAL DE MAU AGOURO

MAIS UMA DELAÇÃO ATINGE O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, ENQUANTO A LARGA MAIORIA QUER A SUA RENÚNCIA. IMPÁVIDO, ELE CARREGA UM SACO DE MALDADES

por ANDRÉ BARROCAL

Às vésperas de suas primeiras festas de fim de ano no comando do País, Michel Temer faz lembrar o senhor Scrooge, personagem malvado e de mal com a vida que odiava o Natal, conforme o conto de Charles Dickens. De cada três brasileiros, dois acham o presidente “falso”. É “desonesto” segundo 58%. Para 75%, defende os ricos e só 7% acham que ele é pelos pobres. Metade o considera “autoritário”. A larga maioria (63%) quer sua renúncia. Tal impopularidade foi verificada pelo Datafolha nos dias 7 e 8 de dezembro, e Temer tem de agradecer pela data da pesquisa de campo. Se o instituto fosse às ruas uma semana depois, é bem provável que o desastre seria ainda maior. O motivo? A “metralhadora de ponto 100” da Odebrecht.

Detalhes da temida delação premiada dos executivos da maior empreiteira brasileira começaram a vir a público nos últimos dias e abalaram o governo. O presidente viu-se pessoalmente envolvido em

trama já conhecida, um jantar no qual teria conseguido, com argumentos nada nobres, 10 milhões de reais da construtora para campanhas do PMDB na eleição de 2014. O caso levou à demissão de um assessor especial da Presidência, o advogado José Yunes, amigo de Temer há décadas, e deixou dois homens de confiança do mandatário, os ministros Eliseu Padilha e Moreira Franco, na marca do pênalti. No embalo do escândalo, um líder governista sugeriu a renúncia de Temer, enquanto

EM 2014, TEMER TERIA CONSEGUIDO 10 MILHÕES PARA A CAMPANHA ELEITORAL. ENVOLVIDOS PADILHA, MOREIRA FRANCO E O ADVOGADO YUNES

em outra legenda aliada há quem defenda romper com o Palácio do Planalto.

Para se segurar no cargo, Temer mergulhou mais fundo nas medidas que têm tudo para piorar sua imagem, ele que nos tempos de Dilma Rousseff comentava ser impossível para um governante sobreviver com o baixo ibope da petista. O Senado liquidou a aprovação do congelamento por 20 anos das verbas sociais e a cruel reforma da Previdência venceu uma etapa inicial na Câmara. Ao seguir firme na rota neoliberal, o presidente foi capaz de arrancar, em meio à tormenta, juras de amor do empresariado e do PSDB, pilares cada vez mais fundamentais para o futuro do governo.

O horizonte imediato reserva emoções. Mais detalhes das delações devem se tornar públicos no recesso parlamentar, ocasião em que o governo não poderá contar com o Legislativo para tergiversar. Longe de Brasília e perto das bases, deputados e senadores poderão tomar o pulso “das ruas”, indóceis com escândalos, desemprego e mudanças na aposentadoria. A eleição para o comando da Câmara em



É hora de chorar?

fevereiro tem potencial para rachar a base governista, há quem creia ser preciso incluir nas negociações o compromisso de engavetar um eventual pedido de *impeachment* de Temer. Mais: ao regressar do recesso, a Justiça Eleitoral deverá julgar o pedido de cassação da chapa Dilma-Temer, decisão apta a incentivar pressões pela deposição do presidente.

Apesar desse caldeirão de escândalos e

interesses, não convém apostar todas as fichas na derrubada de Temer. “É um governo carente de legitimidade, mas sustentado por um Parlamento que tem medo da Operação Lava Jato e por um setor empresarial que quer um pouco de sossego”, diz o cientista político Renato Perissinotto, presidente da Associação Brasileira de Ciência Política. “O governo vai recorrer cada vez mais ao fisiologismo e

intensificará a tentativa de fazer reformas que tirem direitos sociais e reduzam o gasto público, para manter o apoio do ‘mercado’, pois a Lava Jato permanecerá como fator de instabilidade por algum tempo.”

A Odebrecht é campeã em poder destabilizador. Seus executivos começaram a depor na segunda-feira 12, no maior acordo de delação do mundo, com mais de 70 colaboradores e a promessa de ressarcimento de 6,7 bilhões de reais ao Erário. Histórias para a empreiteira baiana contar não faltam. Seus negócios com a Petrobras, estatal no centro da Lava Jato, nasceram juntamente com a petroleira, em 1953, ano em que participou das obras de um oleoduto na Bahia. Foi a Odebrecht que ergueu a sede da estatal no Rio, na virada dos anos 1960 para 1970. As duas são sócias na maior petroquímica das Américas, fundada em 2002. “A Braskem é um dos maiores escândalos, criada na época do governo Fernando Henrique”, disse em depoimento o ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró. “Mas essas coisas não são investigadas, disso que eu fico impressionado.”

As delações serão examinadas pela Justiça para fins de homologação só em 2017, mas o vazamento do roteiro de uma delas, relativo ao lobista da Odebrecht atuante em Brasília desde 2004, bastou para sacudir o Palácio do Planalto. Cláudio Melo Filho revela uma promiscuidade de cabaré entre a Odebrecht e o Congresso. Cita 54 parlamentares com quem mantinha contato, de partidos diversos, como PT, PSDB e PP, “em típica situação de privatização indevida de agentes políticos em favor de interesses empresariais nem sempre republicanos”, diz o documento, disponível na internet.

Para comprar leis e facilidades, a Odebrecht contava, sobretudo, com o PMDB de Temer. No Senado, sua tropa incluía

Renan Calheiros, presidente da Casa várias vezes, Romero Jucá, líder dos governos FHC, Lula e Dilma, e Eunício Oliveira, há tempos tesoureiro peemedebista. Na Câmara, o batalhão contava com Temer, deputado até 2010, Padilha e Franco, “prepostos” do presidente, e o recém-demitido do ministério Geddel Vieira Lima, baiano responsável por apresentar o lobista a Temer em 2005.

O relato mais delicado para o Planalto trata do jantar, em maio de 2014, no Palácio do Jaburu, residência oficial do vice-presidente, no qual Temer teria pedido grana à Odebrecht para campanhas do PMDB. Além dele, ali estavam Padilha, Melo Filho e Marcelo Odebrecht, presidente da companhia. Teria sido esse último a bater o martelo sobre o valor, 10 milhões de reais, tido como à altura dos anfitriões. A quantia teria sido dividida em duas: 4 milhões para controle de Padilha e 6 milhões para a candidatura de Paulo Skaf, presidente da Fiesp, ao governo paulista. Para corroborar a narrativa, confirmada por Marcelo, Melo Filho promete entregar aos investigadores “elementos relevantes”, tais como telefonemas.

O montante a cargo de Padilha, segundo o lobista, teria sido entregue no escritório de José Yunes em São Paulo. Foi esse o motivo de o advogado ter pedido demissão do cargo de assessor especial de Temer na quarta-feira 14, com uma carta a reclamar de ter tido seu nome “jogado no lamaçal de uma abjeta delação”. Em nota, o presidente também negou ter pedido dinheiro à Odebrecht e recorrido ao caixa 2. Há, porém, uma pista desagradável para ele.

Da quantia administrada por Padilha, diz Melo Filho, 1 milhão de reais teriam como destinatário final o deputado casado Eduardo Cunha. Réu por corrupção, Cunha está preso em Curitiba. Em



RONALDO CAIADO TAMBÉM INVOCA A RENÚNCIA, MAS NÃO É O ÚNICO FURO NO CASCO DA NAU GOVERNISTA



O delator Melo Filho revela a promiscuidade de cabaré entre a Odebrecht e o Congresso

meados de novembro, seus advogados apresentaram ao juiz Sergio Moro 41 perguntas dirigidas a Temer, arrolado como testemunha de defesa do réu. Três tratavam de Yunes. Uma inquiria: “O senhor José Yunes recebeu alguma contribuição de campanha para alguma eleição de Vossa Excelência ou do PMDB?” As três foram vetadas por Moro, juntamente com outras 18, por não terem relação com o processo ou por serem “inapropriadas”,



6 milhões teriam ido para a campanha ao governo paulista de Skaf e seus patos amarelos

GERALDO MAGALHÃES - SENADO, LULA MARQUES E JOSÉ CRUZ/ABR, WALTER CAMPANATO/ABR, JEFFERSON RUDY/AG, SENADO, ELZA FIUZA/ABR, FABIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR E EVARISTO SAIA/FP

OS PEEMEDEBISTAS DA ODEBRECHT

Além de Temer, segundo o lobista da empreiteira



Eliseu Padilha
chefe da Casa Civil,
seria "preposto" de Temer
para negociar leis
e arrecadar verbas



Moreira Franco
ministro das
Privatizações, dividiria
a tarefa de "preposto"



Geddel Vieira Lima
recém-demitido
da Secretaria de Governo,
o baiano apresentou
o lobista a Temer



Romero Jucá
ex-ministro do
Planejamento de Temer,
seria o principal "comer-
ciante" de leis no Senado



Renan Calheiros
presidente do Senado
desde 2013, seria o expo-
nente por trás de acertos
financeiros com Jucá



Eunício Oliveira
tesoureiro do PMDB,
o senador também era
representado por Jucá
em acordos

pois Temer só pode ser investigado no Supremo Tribunal Federal.

As revelações do lobista ajudam a fragilizar a situação do governo, mas do ponto de vista criminal Temer está protegido. Ao assumir a vaga no lugar de Dilma, garantiu sua imunidade. Pela Constituição, o presidente só pode ser investigado por atos praticados no exercício do mandato. Quer dizer, se alguma irregularidade ficar atestada no caso dos 10 milhões da Odebrecht, de nada adiantará. De qualquer forma, Temer reagiu, para não ficar exposto aos humores do Congresso, onde é alvo de pedido de *impeachment*. E, também, para ajudar companheiros, Padilha e Franco sobretudo.



Em carta a Janot, Temer pede celeridade e dúvida da credibilidade do lobista

Na segunda-feira 12, mandou uma carta ao procurador-geral da República, Rodrigo Janot, em que pede celeridade nas investigações, para os acusados poderem se defender, põe em dúvida a credibilidade do lobista e sugere anular a delação, por ter vazado. Anulação improvável, embora discretamente apoiada pelo ministro do STF Gilmar Mendes, conselheiro informal do presidente. Na esperança de ser deixado em paz, Temer lançou mão também do argumento do caos econômico, o mesmo usado com sucesso perante o STF no julgamento que salvou Calheiros no comando do Senado na semana anterior.

Na noite da segunda 12, Temer recebeu outra bem-humorada honraria em São Paulo, a mostrar que o empresariado segue com ele. Foi aclamado "Líder do Brasil 2016", homenagem conferida pela Lide, entidade do prefeito eleito de São Paulo, o tucano João Doria Júnior. "Nós precisamos de união, nós precisamos preservar as instituições, nós precisamos que, se houver delitos, malfeitos, que venham todos à luz de uma única vez", discursou o presidente. "O Brasil precisa resolver isso imediatamente. Não pode aquietar-se em face daquilo que é mal produzido, mas também não pode, como aqui foi dito, paralisar."

O pacote neoliberal do presidente funciona como Super Bonder para a turma do PIB. Vale recordar, aliás: entidades patronais, especialmente do setor industrial, apoiaram ativa e abertamente o *impeachment* de Dilma. Inclusive a Fiesp, de Skaf e seus patos amarelos, suspeito de levar 6 milhões do caixa de propina da Odebrecht, doação inexistente na prestação de contas da campanha dele ao governo de São Paulo na eleição de 2014.

Na terça-feira 13, com Brasília em polvorosa, o presidente da Confederação Nacional da Indústria, Robson Andrade,

participou de um almoço de fim de ano com jornalistas e mostrou que o setor segue firme com o Planalto. “O governo do presidente Temer tem tomado atitudes corretas”, comentou, em referência ao duríssimo ajuste fiscal em que só os mais pobres pagam a conta. “Seria o maior absurdo agora falar em renúncia do presidente Temer”, reforçou ele, ansioso por um novo programa de rolagem de dívidas, o Refis, já no forno do Ministério da Fazenda.

Quem nas entrelinhas falou em renúncia foi um líder governista, o senador ruralista Ronaldo Caiado, do DEM de Goiás. “Neste momento, o Congresso tem credibilidade para legislar? O governo tem credibilidade para governar? As pesquisas mostram isso? Se não tem, o que a população precisa ter? A condição de poder eleger novamente”, disse. Presidenciável, sonha em ser o candidato dos radicais que saem às ruas contra os políticos e em defesa da Lava Jato. Disputa a simpatia da galeira com Jair Bolsonaro, cujo filho Eduardo, também deputado, deu origem a outro capítulo da crise institucional brasileira.

A pedido de Eduardo Bolsonaro, o ministro do STF Luiz Fux deu na quarta-feira 14 uma liminar que anulou a votação pela Câmara de medidas anticorrupção. As propostas haviam sido formuladas pela força-tarefa da Lava Jato, mas foram bastante alteradas pelos deputados, os quais inclusive criaram o crime de responsabilidade para juízes e promotores. Após sugerir o *impeachment* de um colega por discordar de uma liminar, Gilmar Mendes também bateu em Fux. “É o AI-5 do Judiciário”, afirmou.

Caiado não é a única fratura na nau de Temer. O PSB, à frente do Ministério de Minas e Energia, viu seu diretório dos Pampas pedir o rompimento com Temer. O apoio nunca foi unânime no partido e, diante das dificuldades presidenciais, é



Jader Barbalho abre fogo: cadê a credibilidade?

mais questionado que nunca. “Vai ser difícil a sobrevivência de um governo com uma agenda que não dialoga com a sociedade e com um ministério que só podia dar problemas”, afirma o gaúcho Beto Albuquerque, um dos vice-presidentes do PSB. “Iremos a 20 milhões de desempregados, estou preocupado com eles. Essa agenda de teto de gastos, reforma da Previdência, só agrada ao ‘mercado’, não é a agenda do Eduardo Campos, da Marina Silva”, completa, em alusão aos presidenciais do partido em 2014.

Nos últimos dias, Marina voltou a



Benjamin, relator do TSE, pede a cassação da chapa Dilma-Temer e não desiste

defender eleições para presidente, ideia defendida pelo ex-presidente Lula, denunciado novamente pela Lava Jato por corrupção e lavagem de dinheiro, em virtude de negócios da Odebrecht com a Petrobras. Há quem veja nela a preferência política do ministro Herman Benjamin, relator no Tribunal Superior Eleitoral do processo que pede a cassação da chapa Dilma-Temer. Benjamin deverá apresentar seu parecer em fevereiro, assim que o Judiciário mais caro do planeta voltar daquelas generosas férias desfrutadas duas vezes por ano. Ouviu 37 testemunhas e só uma, Otávio Andrade, ex-presidente da empreiteira Andrade Gutierrez, citara dinheiro sujo para a chapa, via PT. Confrontado por documentos a mostrar que a grana tinha ido para o PMDB, o empreiteiro mudou a versão para “dinheiro limpo”.

Será que a cassação prosperaria? Uma decisão dessas, caso tomada pelo TSE, seguramente será contestada no Supremo e ali há quem duvide da disposição da Corte para jogar lenha no fogueira. A recente opção do STF de anular a liminar de um de seus ministros e manter Calheiros no comando do Senado teria

WALDEMIR BARRETO/AG. SENADO. GUSTAVO LIMA, WILSON DIAS/ABR E NELSON JR./TSE



Robson Andrade, da Confederação Nacional da Indústria, voz naturalmente a favor

sido simbólica desse entendimento. Do ponto de vista do Poder Judiciário, diz uma fonte, não há interesse na desestabilização do governo. Para o futuro presidencial, segundo a mesma fonte, será determinante o papel da grande mídia, em particular da Rede Globo, com seu poder de influenciar corações e mentes em um país com 97% dos lares aparelhados com tevê.

Sócia no *impeachment*, a grande mídia desperta reações curiosas no peemedebismo. Voz silenciosa, porém, das mais influentes em Brasília, o senador paraense Jader Barbalho subiu na tribuna na

terça-feira 13 para reclamar. Temer, disse ele, faz tudo o que a mídia quer: arrocho fiscal, reforma da Previdência, Ministério da Fazenda entregue a um perfil como o de Henrique Meirelles. Mas, comentou, essa mesma imprensa acusa o Congresso de tentar atrapalhar a Lava Jato e dá amplo espaço ao teor da pré-declaração do lobista da Odebrecht. “A grande mídia e esses setores que querem derrubar o presidente da República, avacalhar e deixar sem autoridade o Congresso Nacional já têm candidato, e o candidato é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.” FHC poderia ser candidato numa eleição indireta, via Congresso, em caso de queda de Temer a partir de 2017.

Para outro parlamentar peemedebista, ex-ministro, a mídia, Globo à frente, tenta criar condições para o PSDB capturar o governo por dentro, tarefa a exigir

O FERROZ PACOTE NEOLIBERAL DE TEMER PRETENDE SER O SUPER BONDER PARA A TURMA DO PIB

Beto Albuquerque reitera: “Iremos a 20 milhões de desempregados (...) essa agenda de gastos e reforma da Previdência só agrada ao mercado

o enfraquecimento, com fins de degola, de homens da confiança de Temer, como Padilha, Franco e Jucá. A Secretaria de Governo, pasta responsável por lidar com o Congresso, foi prometida ao PSDB e só não houve ainda nomeação do deputado baiano Antonio Imbassahy por rebeldia do Centrão, bloco de deputados órfãos de Cunha. Após almoço de senadores tucanos com Henrique Meirelles na quarta-feira 14, o presidente do partido, Aécio Neves, garantiu: “O PSDB será até o final dessa travessia o principal parceiro deste governo”. “Por que a Lava Jato não investiga São Paulo (*governada há mais de 20 anos pelo PSDB*)? As empreiteiras estão todas no Rodoanel”, diz o ex-ministro peemedebista.

Com Brasília em polvorosa, Michel Temer arrumou um tempinho na terça-feira 13 para falar por telefone com Donald Trump, presidente eleito dos Estados Unidos. Cumprimentou-o pela vitória, ouviu condolências pelo desastre que arrasou o time de futebol da Chapecoense e elogios pelas duras medidas adotadas por seu governo. Temer pediu mais investimentos norte-americanos por aqui, e os dois combinaram de botar as equipes para trabalhar juntas em busca de negócios a partir de fevereiro. Seria esse o início de uma grande amizade? Com sua cara de doidivanas tresloucado, ele não combina muito com o nosso Scrooge.

De todo modo, tanto Michel Temer quanto Donald Trump não correm o menor risco de ter o destino da personagem dickensiana. A qual, ao cabo do enredo, redime-se de todos os pecados como convém a uma atmosfera natalina oposta àquela que nos preparamos a viver. •

